Gilson Eduardo Quintas

EIS-ME AQUI, SENHOR!

Autor: *Gilson Eduardo Quintas*

Ilustração

Wilson Quintas

Capa

Gilson Eduardo Quintas



PARA A GLÓRIA DE JESUS CRISTO NOSSO SENHOR, ALELUIA!

Autor: *Gilson Eduardo Quintas*

ORAÇÃO DE AGRADECIMENTO

Senhor, Tu me encontraste...
Eu Te encontrei...
Nós nos encontramos.
Agora é uma alegria caminharmos juntos.
Amém. Aleluia!

AGRADECIMENTOS

Meu louvor a Deus em primeiro lugar.

Minha gratidão à minha Família, sempre tão amiga e encorajadora, que assistiu de perto a todo o meu renascimento reaprendendo a viver etapas simples da vida que a mim se fazia crucial.

Pais: *Wilson Quintas* e *Maria Aparecida Quintas* (em memória).

Irmão: *Redmilson Artur Quintas*.

Sobrinhos queridos: *Natália Garcia Quintas* - um anjo que Deus humanizou para fazer-me companhia. *Renan Garcia Quintas* – O filho que ainda não tive. Natan Quintas – O pequeno sobrinho.

Esposa: *Josilene Braga Ribeiro Quintas* – a dádiva do céu que Deus me reservou, meu presente maior na vida terrestre que veio comigo nesta missão para nunca me deixar desistir.

Meu reconhecimento à sempre amiga *Adelina Marcondes Bangoin* que apareceu no momento certo, motivando-me a prosseguir neste trabalho biográfico. A realização deste sonho deve muito à sua dedicação e participação direta.

Aos amigos que estiveram mais próximos a mim na fase mais dolorosa e crítica deste meu processo de nova vida, meu muito obrigado; obrigado a todos os que intercederam por esta obra. Deus os abençoe!

HOMENAGEM PÓSTUMA

Dedico este trabalho a você, querida e saudosa *Maria Isabel Cortez*, em quem encontrei a ternura de Deus. O meu carinho, a minha saudade e a minha prece, na certeza de que você não morreu... se distanciou um instante de nós indo para a terra prometida e de lá nos aguarda junto do Pai.

HOMENAGEM CONSAGRADA

Minha mãe, hoje no átrio dos céus junto de Deus a minha espera.

Na vocação de seu matrimônio, cumpriu radicalmente o juramento feito diante do altar de Jesus. E, obediente aos desígnios de Deus, a exemplo de Maria Santíssima, foi à única que assumiu comigo, de forma santificada, minha deficiência física nos momentos mais difíceis deste processo.

Uma vida inteira não seria suficiente para agradecer-lhe, mamãe. Deus lhe pague por mim e perdoe-me pelas fraquezas que ainda não consegui dominar em meu coração muitas vezes magoando o seu!

"Eis-me aqui, Senhor!"

Autor: *Gilson Eduardo Quintas*

Sumário

INTRODUÇÃO	6
EM DIA DE GRAÇA	9
JARDIM DE INFÂNCIA	15
MEU DEUS AINDA APAGADO	22
BEIJO DE ANJO	30
O QUE MAIS QUERIA ERA VIVER	38
PASSEANDO À BEIRA DO ABISMO	46
INJEÇÃO DE RESPONSABILIDADE	54
CAOS	61
AS BÊNÇÃOS DO PAI	76
A NAMORADA COM A QUAL SONHEI	88
FAÇANHA PROIBIDA	98
PRENÚNCIO DA DOR	110
13 DE FEVEREIRO DE 1988	121
O ENCONTRO COM CRISTO	136
SOLDADO DE CRISTO	151
SERVO	166
Epílogo - EIS-ME AQUI, SENHOR!	179

INTRODUÇÃO

Já envolvido com uma nova forma de vida e no colo de uma cadeira de rodas, diante da descoberta do sentido de uma vida nova, nasceu um desejo sereno e profundo de realizar uma tarefa: escrever minha autobiografia e algumas experiências vividas no encontro com a dor e com a fé que hoje professo. Na dor porque foi ao perder tudo que se achava possuir que me encontrei com a vida. Na fé porque é o veículo que todo Homem deve crer para se conduzir no despertar de cada dia.

Há coisas que somente são conhecidas por nós mesmo e pelo Criador... As experiências narradas nas próximas páginas não darão margem a louvores pessoais, mas, sim, a Santíssima Trindade nas três divindades em uma só... Deus, na pessoa de Seu Filho Jesus Cristo e Espírito Santo que me ungiu e inspirou para que houvesse discernimento necessário no testemunho da fé. E também a Mãe acolhedora; Sua e nossa Mãe Maria Santíssima, que se fazem presentes no meu dia-a-dia, na minha história de conversão.

Hoje não vivo, não existo senão para perseguir uma única finalidade: buscar a Deus e levá-LO ao meu próximo, com a experiência de existência que adquiri neste episódio da minha vida.

Se nestas páginas o leitor encontrar uma só passagem, uma só vírgula que lhe pareça inspirada pelo orgulho, será um dever ignorá-la e considerar que me enganei na busca de palavras ao tentar expressar meus sentimentos, levado pelo enorme desejo de escrever este livro: comunicar a fé e a esperança numa linguagem simples a tantos seres física e espiritualmente debilitados.

Dou graças ao Deus da minha vida que em nenhum momento se esqueceu de mim. Pelo contrário, como prova o presente relato, esteve sempre comigo. Hoje, embora preso a uma "cadeia de rodas" por causa de um corpo inerte e mutilado, testemunho a alegria de meu espírito que se torna cada vez mais livre à medida que a luz de Deus me revela o semblante do Pai no Evangelho de Jesus Cristo, na Sua Boa-Nova.

E assim se estabeleceu um diálogo mútuo de escuta e de respostas: "***Eis-me Aqui, Senhor!***"

"Vinde a mim vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina , porque eu sou manso e humilde de coração, e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve." (Mt 11,28-30).

"Eis-me Aqui, Senhor! Uma vida esmerilhada, lapidada cuidadosamente por Suas mãos ternas e compassivas, encharcada em Sua infinita misericórdia feito fonte de água viva... Vida de um ex-policial militar que agora se faz verdadeiramente Soldado... "Soldado de Cristo": um pequeno farolete nas densas trevas deste mundo, um escudo nas trincheiras do dia-a-dia, um sentinela vigilante em seu posto desejando ser útil a tantos que sofrem, que vivem a dor da limitação física e espiritual."

Através de um relato envolvente, o autor narra sua vida desde a infância, passando pela juventude com todos os seus envolvimentos, até seu encontro pessoal com o Senhor Jesus.

Essa descoberta com um novo estilo de vida aconteceu após um acidente que o transformou radicalmente.

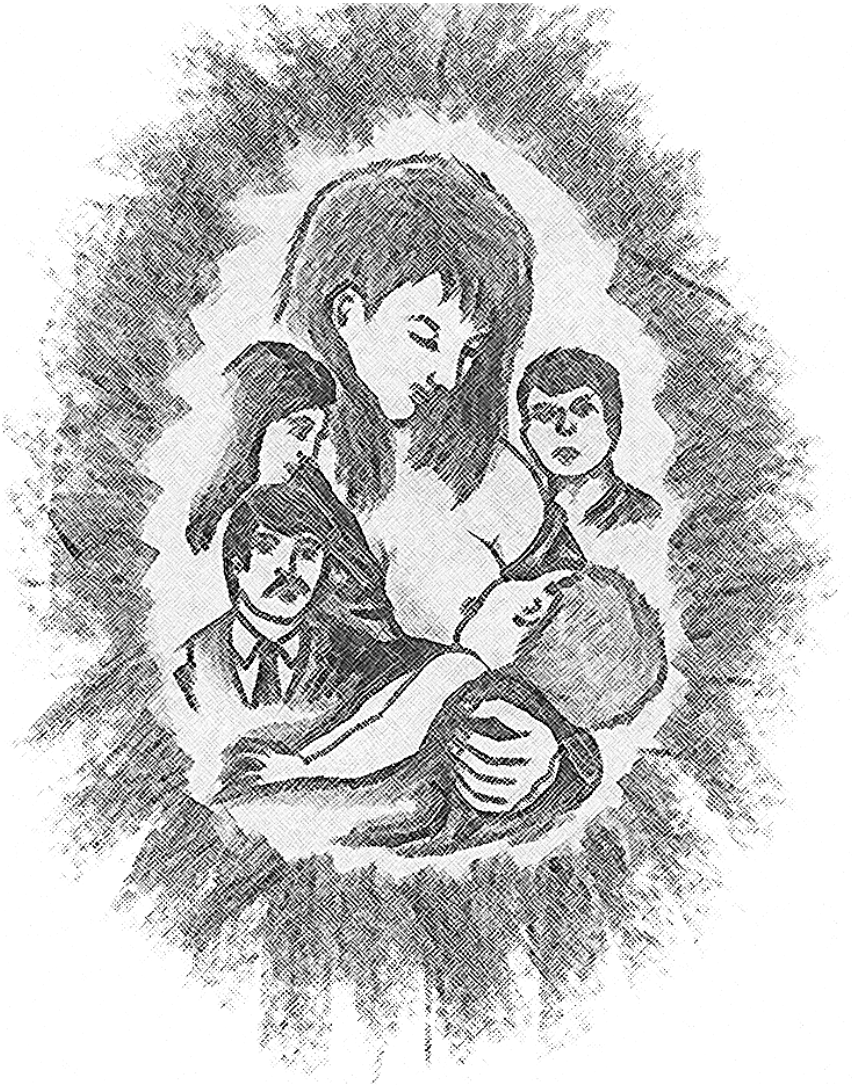
EIS-ME AQUI, SENHOR! é um livro que o levará a conhecer, experimentar e viver o Amor de Deus através da conversão a Jesus e a Sua Palavra.

Deus usa todas as circunstâncias, boas ou más, para nos chamar à conversão. Com certeza, a experiência narrada neste livro o fará repensar toda a sua vida.

"*Todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são os eleitos, segundo os seus desígnios*."

(Rm 8,28).

EM DIA DE GRAÇA



Autor: *Gilson Eduardo Quintas*

Sete de outubro de 1964, quarta feira de céu cinzento e muito calor. O relógio marcava dezesseis horas e quarenta e cinco minutos... Fora do ventre materno, rompia o espaço um choro agudo e o relógio marcava as primeiras batidas do meu pequenino coração... Coração que pulsava certo de cumprir sua missão em longos anos de vida a partir daquele instante.

Muito pequeno, porém, não conseguia entender a euforia das pessoas que estavam a minha volta! Eram olhares emocionados, radiantes! Sorrisos felizes que brindavam a minha chegada! E no meio de tantas alegrias, quase não se percebia a fragilidade de um choro inocente... o protesto do recém-nascido que teve de deixar seu “pequeno mundo”, o ventre de minha mãe, até ali tão bem instalado pelo Divino. Na minha candura, parecia mesmo adivinhar quanto iria sofrer tal coração.

Fora da maternidade, fui conhecer minha casa, o lar onde receberia as instruções para enfrentar a nova vida. Nessa casa, esperavam-nos os avós, tios, primos e amigos de meus pais que ainda não me conheciam. O “palco” estava armado, era minha vida, e o espetáculo da vida estava começando com minhas primeiras horas de contato com este mundo. Eram as primeiras descobertas de um recém-nascido que passeava no colo de um e de outro familiar!

Enfim, todos queriam me pegar no colo. Disseram-me, mais tarde, que havia até discussão na disputa de quem seria o primeiro a me carregar. Confesso que isso me causa constrangimento até hoje e fico envergonhado quando me contam essa passagem e completam que eu parecia um “príncipe”, esbanjando beleza nos braços de quem me segurava.

Começaram os palpites na escolha de meu nome, e eram muitos, e cada um sugeria o seu... Até que chegaram a um acordo: Gilson... Gilson Eduardo! Afinal, Gilson soava bem com Wilson, o nome de meu pai. Havia também aqueles que se sentiam decepcionados, pois esperavam uma menina.

Acabaram por ter que se consolar comigo, dando graças pela perfeição do milagroso toque de Deus na figura daquele menino!

Passaram-se os primeiros dias de vida e tudo ainda era festa e alegria em minha casa, uma casa simples, mas com o conforto adequado para se formar uma família. Por um bom tempo não se ouvia falar em mais nada dentro desta casa, a não ser no meu nome. Quanta festa no início de uma nova vida que em nada diferia de outras vidas geradas e esperadas por seus pais. “Melhor, havia sim! Mais tarde... mais tarde, teria que pisar caminhos espinhosos e ásperos, abrolhos inimagináveis, amargando o contrário daquilo que, aos olhos do mundo, não se espera de uma vida comum e próspera.

Como é regra da vida, onde tudo tende a evoluir, comecei a crescer, a pôr o pé na estrada com passos de principiante, inseguros por serem os meus primeiros passos. Ah! que saudades desses passos que me levaram tantas vezes ao chão, mesclando em meu rosto o choro da queda e o sorriso por poder tentar levantar de novo, por estar novamente em pé e arriscar novas proezas, sem o receio das quedas, que já sabia ter que superá-las... Parecia entender que precisava dos tombos para me levantar mais experiente, com maior confiança nos próximos passos.

- *Que maravilha sou eu!*

Impávido e cheio de méritos conquistava a confiança em minhas pernas e não parava quieto um segundo sequer, num só lugar. Explorava meus limites, meu mundo, a todo vapor. Meu pai sorria, observando meu vigor e orgulhava-se de minhas peraltices! Com aplausos, que vinham em forma de cumplicidade, incentivava as molequeiras que realizava em toda minha ingenuidade, na vigilância de seu olhar, ao centro da sala de casa.

O contrário se dava com minha sempre cuidadosa mamãe, Maria Aparecida, a Dona “Fia”, como era intimamente conhecida pelos mais próximos, que ainda, até hoje se preocupa muito com tudo o que vou fazer. Com a idade que tinha, não entendia essa preocupação, apenas achava fascinante ter que contrariá-la no meu mundo de inocências. E outro dia, quando ela olhou espantada, vendo-me puxar a toalha da mesa com sua fruteira de porcelana prestes a se despedaçar em cima de mim, foi que achei mais engraçado! E, pronto... acabou acontecendo o que mamãe previa. Antes que ela chegasse para impedir o “fatídico” momento, a fruteira já havia atingido o limite da mesa, transformando-se em cacos que agora decoravam o chão da cozinha.

Apavorada, receando que pudesse ter acontecido algo grave comigo e aborrecida pela perda da fruteira, que antes de se despedaçar pelo chão passou pela minha cabeça, mamãe apontava-me com os olhos numa expressão cheia de reprovação. Ah, eu não sabia que aquela linda peça de porcelana trabalhada era um presente que mamãe havia ganhado de sua cunhada, no dia de seu casamento.

Sentado no chão, com um de meus dedos na boca, olhava fixamente para ela, esperando sua reação... De repente, quebrávamos aquele constrangedor e torturante silêncio com uma enorme gargalhada. Lembro-me bem que, muitas vezes, entretanto, essas artes resultavam em palmadas estaladas que avermelhavam a parte mais gordinha do meu corpo! Mas, travesso ou não, todos me amavam do jeito que eu era e gostavam de me ver desempenhar minhas traquinagens que nada mais é do que o papel de qualquer criança saudável de minha idade.

Outra de minha travessura que considero interessante nessa época e que marca bem minha infância, era a maneira como agia com os insetos quando um deles, em sua infeliz sina, pousava perto de mim. Capturava o pobre inseto e separava seus membros do corpo. É claro que para mim, na

idade que tinha, não havia maldade nesta atitude, nem meu coração ainda poderia abrigar esse sentimento... Só curiosidade... Sim! Curiosidade... Gostava de ver a garra com que o inseto persistia em lutar contra suas debilidades para chegar a um lugar, embora já estivessem sem as pernas, asas ou até mesmo, em muitos casos... sem cabeça!

Meus pais chamavam-me à atenção, corrigiam-me dizendo que isso não era certo! Usavam até de subterfúgios errados para impressionar-me, despertando em mim um sentimento comum na realidade das crianças: o medo. Contavam-me aquelas "mentirinhas e mais mentirinhas pedagógicas", mas eu incrivelmente nunca dava ouvidos a isso. Pelo menos até conhecer o famoso personagem do "bicho-papão", que arrepiava qualquer garotinho ao ouvir tais estórias...

Um dia, porém, chegou à lição. Era minha vez de descobrir que precisava respeitar as regras para ser respeitado. Precisava sentir o que os coitadinhos sentiam quando lhes arrancavam pernas, asas e cabeça...

Minha mãe, entre um cochilo e outro, "assistia" a um programa de TV. Por incrível que possa parecer, eu estava sentado na outra poltrona, comportadinho ao lado dela. Dava gosto de ver! Duas chupetas faziam-me companhia. Chupava uma delas; a outra usava para acariciar meu rosto. De repente, meu olhar feito radar localizou um inseto no canto da sala. Era uma solitária abelha! Até já imaginaram o que me aconteceu, não é? Pois bem, não erraram!

Levantei-me sorrateiro, devagarinho, disfarçadamente, sem que minha mãe percebesse, e fui ter com a abelha. Abaixei-me rapidamente e fui logo pegando a tal abelha, sem imaginar a lição que ela poderia me dar!

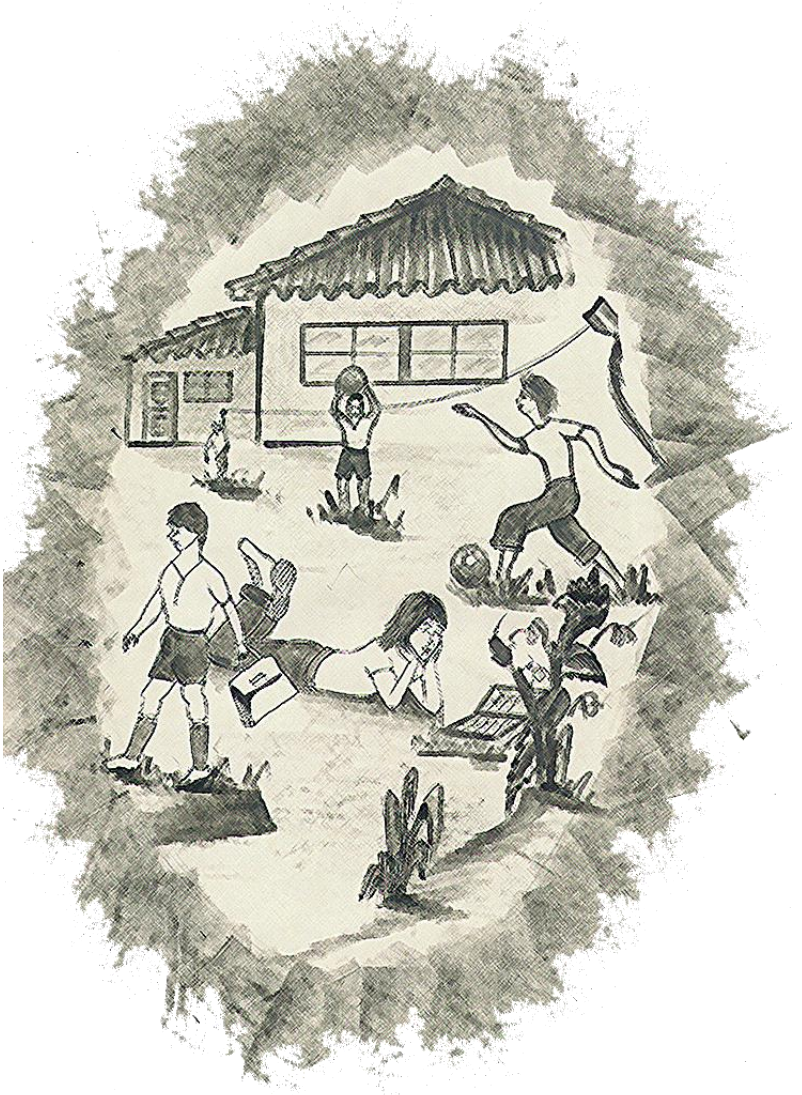
Antes de começar a executar minha brutal tarefa, ela agiu primeiro: deu-me uma dolorosa ferroada que me fez gritar com desespero. A dor que senti teve sabor de vingança, alertando-me para a maldade que sempre causava a seus

semelhantes. Momentos de choro e um dedo inchado por muitos dias marcaram minha psique, deixando um aviso: o que fazia aos pequenos insetos e pretendia fazer à abelha não deveria ser feito a espécie alguma que levasse o sopro da vida. Essa singela, porém valiosíssima lição marcou minha primeira experiência com a realidade da vida.

Outros fatos marcantes seguiram-se a esse, como o cigarro aceso que engoli enquanto meu pai cochilava no sofá; o garrafão de vinho que descobri atrás da porta e bebi até desmaiar; o tombo da rede, quando obriguei meu primo a me balançar alto, muito alto...

Tudo isso... **EM DIA DE GRAÇA.**

JARDIM DE INFÂNCIA



Autor: *Gilson Eduardo Quintas*

Do ventre materno aos braços dos familiares e daí para o mundo. Chegou o dia da escolinha, do contato com pessoas que não eram somente meus parentes. Afinal, teria que fazer parte de uma sociedade e para isso deveria ser educado.

Para escrever essas próximas linhas não posso esconder minha frustração e talvez pareça saudosista, mas se analisarmos friamente a situação, creio que muitos terão a mesma opinião que a minha. É lamentável vermos o ensino, base de todo cidadão de bem, corrompido e visivelmente deficiente. Nas escolas de hoje, vivemos uma realidade cruel em todos aspectos possíveis e imagináveis, de formação precária, insatisfatório: uma educação em crise e, consequentemente, uma aprendizagem que deixa a desejar, mascarada por uma estatística de encher os olhos sem que convença.

Nesta “bola de neve” que resulta numa “avalancha” de hipocrisia, todos envolvidos neste processo de “educação” tem sua parcela de culpa, se é que posso me expressar assim. Nossos Governantes dão a impressão de que... “quanto mais ignorante a massa da população,” melhor aos seus interesses. Os profissionais da área cada vez mais sem estímulos a se envolver com sua missão, ficam a margem deste caminho deixando acreditar “que o problema” não é com eles. Por fim os alunos, que são os alicerces deste segmento estão cada vez mais sem conteúdo e por incrível que possa parecer, muito mais “donos” da situação. Assim, a sublime tarefa de educar fica comprometida e os valores humanos em decadência. Ficamos todos vitimas deste sistema falido que inevitavelmente envolve a todos. As crianças, os adolescentes, os jovens, idosos... todos nós! Basta olharmos a triste realidade expressa no fracasso do cidadão comum ao enfrentar os obstáculos da vida em busca da auto realização!

Quanto descaso! Quanta incoerência! Quanto desrespeito com a vida! Meu Deus!

Felizmente isso não é regra geral e ainda encontramos bons políticos, ótimos professores e cidadãos dignos de reverencia. Modéstia a parte me considero um cidadão razoável e não me deixei atingir pela influencia negativa do descaso naqueles tempos e pude fazer bom uso do que assimilei como ensino naqueles meus tempos de menino. Aprendi naturalmente as lições que meus bons mestres me ofereciam! Sinto saudades daqueles bons momentos de minha vida...

Dentro dessas normalidades, não furtar-me-ia de ser também uma boa criança "birrenta" e com isso, foi difícil para meus pais convencer-me a frequentar a Escolinha do bairro onde morávamos, Bairro de Canas. Com insistente esforço, a custa de muita conversa, conseguiram! O fato que me fez aceitar a ideia de ir a Escola no primeiro dia foi saber que ganharia uma lancheira novinha, presente de papai.

- Vá, sim!!! Todo dia a mamãe vai fazer um bom lanchinho pra você colocar dentro dela. Vá, meu filhinho!!!

O tempo me fez refletir mais tarde e comecei a ver a vida com muito mais sensibilidade e então, nas noites de insônia, quando meus olhos se fixavam no teto de meu quarto e a referencia dos meus pensamentos se concentravam na luminária apagada do centro, procurava entender o que acontece com os Homens que deixam de ser crianças. Minhas conclusões eram as mais simples... lembrava da minha lancheira cheia de guloseimas que meu pai me oferecia para convencer-me de ir a escola no meu primeiro dia de aula.

Tenho comigo que começa aí um dos inúmeros caminhos tortuosos que o dia-a-dia nos oferece: a chantagem! Como o mundo da criança é de fantasias e seu consciente ainda não foi violado é fácil envolve-la com promessas que ela realmente espera. E quando isso resulta no atendimento de seus mais secretos impulsos para o favorecimento do seu

encantamento, ela vai se esquecer de tudo que a apavorava, deixando-se enganar pela “doçura” da dádiva. Isso se repetindo constantemente nos dias da gente, certamente acabará por fazer parte de nosso caráter. Então... chegamos onde estamos hoje, sabe-se lá onde?

Bem, lá estava eu com minha “lancheira azul” cruzada ao peito e ansioso pela hora do recreio. Caminhava, de mãos dadas com papai, em direção ao meu segundo lar: a Escolinha de Canas.

Era o meu primeiro dia de sala e meu primeiro contato com coleguinhas de todo tipo e jeito. Emburrado, titubeando no portão de entrada, pensei em desistir. Fui logo advertido por uma ameaça de papai: se voltasse, minha lancheira seria dada ao primeiro menino que passasse por ali.

Então, por amor à lancheira, beijei o rosto de papai e entrei um tanto constrangido, é claro, mas consolado pelo que havia dentro da lancheira!

No interior do prédio ouviam-se balbúrdias e gritos de crianças num alvoroço peculiar de seres humanos quando estão eufóricos reunidos num mesmo lugar. Outras explodiam em choros estridentes, chamando desesperadamente por aquela que nos socorre sempre:

- Mãããeee!!!

Assustado, com os olhos arregalados, eu pensava:

“Acho que o pai desse menino não comprou uma lancheira para ele.”

E puxava a minha para mais perto de meus braços, com medo de que a tomassem de mim para consolar aquele garoto chorão.

Curiosa, porém, para uma criança, normal essa minha reação! Proteger com tanto ciúme algo material. Para mim,

naquele instante, tudo girava em torno de uma lancheira. Era a sementinha do “poder”, do “ter”, que estava germinando em meu coração? Ou era apenas uma fase, a partir da qual o egocentrismo poderia ou deveria desaparecer? É... podia ser, como podia não ser. De qualquer forma, começava a conhecer o “mundo” das pessoas grandes, onde o poder e a ganância são mais importantes que o dom da partilha. “Ter” é mais importante do que “ser” no “salve-se quem puder” desses tempos! Não importa que eu tenha que mentir, traindo assim meus princípios de filho de Deus para me dar bem sobre o outro. Eu precisava era sobreviver neste mundo de incoerências e tentações.

Não sei... olhando para aquela criança que via seu mundo numa “lancheira”, ainda não saberia analisa-la... não sei... O que sei é que aquela lancheira era minha, só minha!

Fui levado para uma sala com mais vinte coleguinhas. Éramos meninos e meninas quase todos da mesma idade. Dentro dessa sala, foi-se liberando em mim um sorriso espontâneo, gostoso! Tenho certeza de que muitos gostariam de dar um sorriso desses ao menos uma vez por dia. Era uma manifestação hipnotizante, que nascia de uma instancia misteriosa dentro de mim.

Estavam estampadas nas paredes cores que ainda não tinha visto em lugar nenhum! Do teto desciam cordões decorados. Nas extremidades desses cordões havia sininhos de barro que, a uma suave brisa que corria pela sala, entrechocavam-se, emitindo sons encantadores. As carteiras que ocupávamos eram trabalhadas, despertando em todos, um carinho voluntário em conservá-las. Numa prateleira ao fundo, havia um enorme coelho de borracha muito utilizado nas comemorações da Páscoa que nos roubava a atenção comunicando enorme realismo de presença.

Era tudo encanto, alegria! Até me esqueci da lancheira!

Fomos apresentados a nossa instrutora. Que susto! Um silêncio perturbador tomou conta da classe, quase não se

ouvia nem o respirar das crianças. Sua aparência era assustadora! Nada tinha a ver com crianças...

Cabelos armados, pareciam nunca ter sido penteados. O tamanho da cabeça era desproporcional à altura dos cabelos. Profundas olheiras escuras camuflavam os negros olhos ao fundo. E, para completar, uma enorme verruga na ponta do nariz.

Sua aparência a primeira impressão, inspirava medo e ela sabia disso. Acostumada, entretanto, com o fato, soube contornar o clima e surpreendeu-nos mais uma vez.

De forma radiante, bem ao seu estilo, pegou-nos em uma roda e começou a cantar. Como nos contagiou com sua alegria! Possuía uma voz suave e terna, igual à de mamãe quando cantava para me fazer dormir. A imagem que fazíamos dela dava agora lugar a outra bem diferente: fada-madrinha, encantando a todos com sua meiguice e ternura.

Éramos crianças e, como tais, medrosas! Por isso víamos as coisas como elas pareciam. Essa lição fez-me entender verdadeiramente o dito popular: "*Quem vê cara não vê coração!*" E que coração bonito tinha minha primeira professora que demonstrava em sua profissão a essência da vocação. Escolhida a "*dedo de Deus*" para trabalhar com crianças daquela idade, era a pessoa ideal para a sublime tarefa de formar os Homens do amanhã!

Aprendemos a cantar, a respeitar a representar em teatrinhos. Os textos eram bem selecionados e traziam sempre uma lição de vida para todos nós.

Em meio às recordações de minha infância, num instante de profundo reconhecimento, presto uma homenagem sincera a essa minha professora por toda sua dedicação aos momentos iniciais de minha vida. A ela o meu agradecimento, o meu respeito, a minha prece, a minha saudade!

Com essa professora aprendemos também a cuidar de nossos materiais e principalmente da nossa sala. Já estávamos bem engrenados, mas ela sempre nos lembrava: